

## OS COMPONENTES ESSENCIAIS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ENFERMEIRO-PRECEPTOR.

Autoras:

Verônica Caé da Silva<sup>1</sup>

Ligia de Oliveira Viana<sup>2</sup>

Claudia Regina Gonçalves Couto dos Santos<sup>3</sup>

Instituição:

Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ).  
Brasil.

### INTRODUÇÃO

Um dos momentos mais esperados pelos estudantes que encontram-se em processo de ensino-aprendizagem na enfermagem é o da prática de estágio. Para formação do enfermeiro se faz necessária a articulação entre os conhecimentos teóricos e práticos. Estes últimos devem ocorrer no curso de graduação, contando com a participação efetiva de vários sujeitos: os professores, os alunos, os usuários do serviço de saúde, seus familiares, os profissionais dos serviços e, principalmente os enfermeiros, futuros colegas de profissão.

A atividade prática desenvolvida pelos alunos de graduação no Brasil, está regulamentada através das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (BRASIL, 2001)<sup>1</sup> que apontam o estágio curricular como uma obrigação das instituições de ensino, nos dois últimos semestres do curso, descrevendo inclusive os cenários essenciais para esta vivência: os de atenção básica à saúde, incluindo os espaços comunitários, atividades em saúde de média e alta complexidade; o que vem ao encontro dos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS).

A preceptoria é a “experiência prática em medicina e serviços relacionados a saúde [...] no

---

1 Enfermeira, Mestre em Enfermagem e Membro do Núcleo de Pesquisa e Educação e Saúde em Enfermagem (NUPESEnf) da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) - UFRJ. Docente da Escola de Ciências da Saúde da UNIGRANRIO. Enfermeira Líder do HFB/MS e da PMS de Duque de Caxias.

Telefone: (5521) 9679-0609 E-mail: vcae@superig.com.br

2 Enfermeira, Doutora em Enfermagem pela EEAN - UFRJ. Professora Titular do Departamento de Metodologia em Enfermagem e Membro do NUPESEnf da EEAN – UFRJ. Docente da Graduação e Pós-Graduação da EEAN – UFRJ. E-mail: ligiaviana@bol.com.br

3 Enfermeira, Doutora em Enfermagem pela EEAN - UFRJ. Professora Adjunta do Departamento de Metodologia em Enfermagem e Membro do NUPESEnf da EEAN – UFRJ. Docente da Graduação da EEAN – UFRJ. E-mail: claudiargcouth@yahoo.com.br

qual o estudante em treinamento profissional trabalha fora do ambiente acadêmico sob a supervisão de um profissional estabelecido no campo específico”. (BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE, 2010, *on line*)<sup>2</sup>.

A terminologia preceptor é utilizada para designar o profissional que atua dentro do espaço de trabalho e de formação, estritamente na área e no momento da prática clínica, que ensina a clinicar em situações reais no próprio ambiente de trabalho e participa da avaliação dos alunos. O mesmo deve ter conhecimento e habilidade em desempenhar procedimentos clínicos, além de capacidade pedagógica.

O preceptor de enfermagem é o enfermeiro que trabalha nos cenários de prática de saúde e, assim sendo, acompanha, supervisiona, orienta e avalia os alunos que ali realizam seu estágio (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2007) <sup>3</sup>.

Para que o estudante construa seu conhecimento, acreditamos se fazer necessária uma prática pedagógica efetiva estabelecida, além de outros modos, pela inter-relação que o mesmo firma nas experiências diárias, de modo distinto, com os preceptores, mediadores no processo de ensino e de aprendizagem.

A prática pedagógica é conceituada como “a prática intencional de ensino e de aprendizagem, não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender [...] articulada a uma educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e cultural...” (MOROSINI *et al*, 2006, p.447)<sup>4</sup>.

Um processo educativo escolar deve ser considerado nas suas múltiplas dimensões, tais como: humana (sendo a relação interpessoal o centro do processo), técnica (onde são decididos os objetivos instrucionais, seleção do conteúdo, estratégias de ensino e avaliação, por exemplo) e político-social (envolve, por exemplo, o entendimento de cultura e posição de classe na organização social em que vivem os homens). Estas dimensões “da prática pedagógica se exigem reciprocamente” (CANDAU org., 2008, p.23)<sup>5</sup>.

Sendo também descrita como o “ensino de um determinado conteúdo” (FORESTI, 2011, p.4)<sup>6</sup>, na prática pedagógica deve-se almejar uma forma de trabalho que conduza à crítica e a transformação do aluno de enfermagem, preocupando-se, tanto o professor quanto todos os que participam desta formação, com o quê ensinar, para quem e como ensinar.

A partir destas reflexões, atuando como enfermeira-preceptora em Unidades de Saúde Públicas, tanto na esfera da atenção básica quanto da alta complexidade, emergiu por parte de uma das autoras o interesse em responder a seguinte questão de pesquisa: quais os componentes pedagógicos essenciais presentes na ação do enfermeiro-preceptor?

O estudo contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento científico na área do ensino em enfermagem e, para o reconhecimento por parte das instituições de saúde integradas às de ensino das práticas pedagógicas do preceptor na graduação em enfermagem.

## **OBJETIVO**

- Indentificar os componentes da prática pedagógica desenvolvida pelo enfermeiro-preceptor junto ao graduando de enfermagem.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente estudo foi exploratório, descritivo, de natureza qualitativa, pois, é aquele que “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças e valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas”. (MINAYO *et al*, 1999, p.21-22)<sup>7</sup>

O cenário do estudo foi o Hospital Escola São Francisco de Assis (HESFA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde foram desenvolvidas as práticas pedagógicas do enfermeiro-preceptor junto aos graduandos da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), situado no município do Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Justificou-se a escolha do cenário por ter sido o local de vivência de estágio curricular durante a graduação de enfermagem, na EEAN, de uma das autoras, há mais 09 anos. Além disto trata-se de um instituição conceituada historicamente no país (inaugurada no século XIX), por servir de espaço propício à assistência, ensino, extensão e pesquisa possibilitados através do encontro de alunos de graduação, que realizam suas atividades práticas com ou sem a supervisão direta dos docentes (de acordo com o período do curso), com profissionais que cursam pós-graduação, por exemplo, os do Programa de Residência em Saúde.

Os sujeitos do estudo foram 14 (catorze) enfermeiros que atuavam como preceptores dos alunos de graduação da EEAN. Os sujeitos foram chamados de “informantes-chave” e, garantimos a preservação do anonimato, substituindo o nome dos mesmos por codinomes (relacionados à virtudes de cunho religioso/bíblico).

Em respeito à legislação que trata de pesquisas realizadas com seres humanos no Brasil (Resolução nº 196 – BRASIL, 1996)<sup>8</sup> foi solicitada autorização da Instituição Cenário ( o HESFA) para coleta de dados e, após parecer favorável, envio do projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa da

EEAN/HESFA, que recebeu aprovação sob no. Protocolo 114/2010.

Para atender ao objetivo proposto pelo estudo, como fonte para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, no período de fevereiro a junho de 2011.

Para análise dos dados utilizamos uma abordagem temática que ocorreu juntamente com a coleta dos dados.

Vale destacar que trata-se o presente de parte da dissertação de Mestrado em Enfermagem intitulada "Preceptoria – Nexos com a Pedagogia Histórico-Crítica: o Caso da Escola de Enfermagem Anna Nery", defendida em 2011 pela EEAN/UFRJ.

## RESULTADOS

Vários elementos são necessários para formação do enfermeiro no Brasil. Os componentes da prática pedagógica (planejamento, objetivos, conteúdos, estratégias, recursos didáticos e avaliação) devem estar registrados nos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições de ensino superior e nos currículos e, presentes na prática dos sujeitos envolvidos.

Neste estudo identificamos, a partir da análise das 14 entrevistas realizadas, que a principal atividade de ensino e aprendizagem que os enfermeiros-preceptores realizaram junto aos graduandos foi a consulta de enfermagem, como podemos verificar nos depoimentos:

A consulta de enfermagem é feita comigo, onde é feito todo o exame físico, é, toda a parte de coleta de dados, a anamnese. É, a gente faz uma leitura do prontuário desse paciente, encaminha [...] eu mostro pra eles o serviço. (Fé)

Faço questão que eles [*os alunos*] participem das consultas. (Caridade)

Os enfermeiros-preceptores descrevem o ensino da consulta no âmbito ambulatorial conforme preconiza a Lei nº 7.498 (BRASIL, 1986)<sup>9</sup> e, atendem à Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), esclarecendo algumas de suas etapas: histórico, exame físico, prescrição e evolução de enfermagem.

Os informantes-chave, preocupados com a valorização da enfermagem no cotidiano do trabalho, fizeram questão de firmar a sua presença no mundo e de que os alunos compreendessem no momento da atividade prática desempenhada o que é ser um enfermeiro na atualidade, distinguindo-o das outras profissões da área da saúde.

[...] eu acho que assim, o ser enfermeiro ele tem que ser igual independente dos lugares. Com o compromisso e a responsabilidade. Você tem que fazer sempre com um compromisso e responsabilidade naquilo que você faz. E assim mostrar o que verdadeiramente é a enfermagem. (Cura)

eu deixava muito claro que [...] “o enfermeiro do setor Y”, ela trabalha com pessoas, ela trabalha com o conceito de subjetividade, ela trabalha com questões subjetivas, questões tiradas da sensibilidade do outro.[...] o aluno ele começava a ter informação do que significava ser um “enfermeiro do setor Y” e porque que ele é importante dentro de uma instituição. (Alegria)

Quando o informante-chave Alegria afirmou que o enfermeiro é importante dentro da instituição, fez um movimento de defesa de sua categoria profissional, do seu espaço conquistado no trabalho no HESFA, da importância de levar esta informação a outros, com compromisso e responsabilidade, como registrou com ênfase, a enfermeira-preceptora Cura.

As atividades de ensino e aprendizagem que emergiram poucas vezes na fala dos informantes-chave foram relacionadas à discussão de caso, dinâmica e orientação das normas e rotinas dos setores, bem como os protocolos dos atendimentos específicos.

O estímulo ao debate e a discussão crítica deveriam ser mais enfatizados no período de estágio ou prática clínica. Acreditamos que é importantíssimo e está em primeiro lugar o atendimento ao cliente, sua família e comunidade, mas, que se reserve um tempo ao final do turno para um “*feedback*” (um retorno de informação) com os alunos. O enfermeiro-preceptor com certeza têm tanto a ensinar e aprender, após uma manhã de consulta junto aos graduandos, por exemplo.

Durante as entrevistas, identificamos que há um acordo entre os enfermeiros-preceptores e os professores tanto para adequação do número de alunos no setor de prática quanto para própria chegada do mesmo.

Os professores antes de encaminharem os alunos, fazem uma ambiência na unidade, passam com eles, mostram o setor e falam “*olha, vocês vão estar aqui*” e me comunicam “*X, eu vou encaminhar pra você*”. Claro que tem um acordo, já que eu não posso ficar com vários alunos, eu fico no máximo com 02 alunos. (Cura)

Constatou-se que foi realmente inevitável uma organização quantitativa de alunos no setor, para que o enfermeiro-preceptor assegurasse um atendimento de qualidade ao cliente e para tornar mais fácil o ensino e aprendizado dos que estavam sob sua supervisão.

Eram 40, mais ou menos 30 e poucos alunos por período e aí dividido, em campo de estágio, vem mais ou menos de 06 a 07 alunos. Vem no mesmo momento, mas, nós geralmente dividimos esses alunos em 02 salas, 03 ficam e depois 03 voltam. (Fé)

Quando questionados a respeito da participação no processo de planejamento das atividades práticas que os alunos realizaram no setor, quase foram unânimes em responder que não participaram deste processo.

Não. Não, com quem organiza não, nós tivemos [...] quando eles vem, eles já comunicam o que eles vem fazer... comunicam, mandam a planilha, mas, não participamos não. (Caridade)

Mas, assim, o planejamento é basicamente uma execução do professor. Só se torna um planejamento da unidade, na ausência do professor. (Fidelidade)

Os relatos ainda evidenciaram que os enfermeiros-preceptores dos alunos também permaneceram afastados do processo de avaliação, como podemos averiguar nas falas:

Não. Em nenhum momento, na avaliação deles não, não passam por nós não. (Temperança)

Avaliação por escrito, da minha parte, não. O professor sempre pergunta “e aí, tá tudo bem?” e como é que foi o aluno, assim verbalmente. Eu passo o que aconteceu, agora quem vai fazer essa avaliação mesmo é o professor.(Sabedoria)

Há uma necessidade de se repensar e resgatar a efetiva prática pedagógica desenvolvida pelo enfermeiro-preceptor, proposta em documentos oficiais da saúde e da educação brasileiros, mesmo que estes apontem a necessidade de ajustes, pois, “ao enfermeiro cabe participar ativamente [...] no campo de prática, acompanhando e avaliando, junto ao docente, o desenvolvimento do aluno” (BOUSSO *et al*, 2000, p. 220)<sup>10</sup>.

Ainda que os cursos reconheçam a necessidade de transformar as relações com os serviços, de forma que os profissionais exerçam “... papel mais ativo nas práticas pedagógicas, esse é um caminho iniciado. São poucos os cursos onde o preceptor participa diferentemente desde o planejamento até a avaliação.” (PINHEIRO, CECCIM e MATTOS, 2006, p. 243)<sup>11</sup>.

## CONCLUSÕES

Ao término deste estudo, consideramos que conseguimos atingir o objetivo traçado, identificando os componentes presentes na prática pedagógica do enfermeiro-preceptor desenvolvidos durante as atividades com os graduandos de enfermagem no cenário de ensino clínico ou de estágio.

Destacou-se que o enfermeiro-preceptor não participa de todas as etapas constituintes da prática pedagógica, sendo mais explícita a sua ausência no planejamento e na avaliação formal do desempenho dos graduandos que passam pelo seu setor. Porém, ficou comprovado que realiza atividades que requerem tal participação.

Concluimos, portanto, que enfermeiros-preceptores e os docentes devem buscar maior

unidade e planejar um trabalho que resulte na ocorrência de um processo de ensino e aprendizado integral ao graduando de enfermagem, considerando que todos são sujeitos nesta prática social.

Ainda, ressaltamos a necessidade de capacitação pedagógica permanente para potencializar e facilitar as atividades do enfermeiro-preceptor no desenvolvimento cotidiano de suas ações junto aos graduandos, vislumbrando a transformação da prática.

## REFERÊNCIAS

1. BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. Resolução nº. 3 de 07 de Novembro de 2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem**. Brasília: 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 03.nov.2010.
2. BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Terminologia DeCS/MeSH**. Disponível em: <[http://regional.bvsalud.org/php/decsws.php?lang=pt&tree\\_id=I02.600&page=info](http://regional.bvsalud.org/php/decsws.php?lang=pt&tree_id=I02.600&page=info)>. Acesso em: 03.nov.2010.
3. SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Orientações gerais para preceptoria de residência em enfermagem**. Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.saude.rio.rj.gov.br/media/orprec1.pdf>>. Acesso em: 18.out.2007.
4. MOROSINI, N.C. et al. **Enciclopédia de pedagogia universitária**. Brasília: INEP- RIES, 2006.
5. CANDAU, V. M. (org.). **A didática em questão**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
6. FORESTI, M. C. P. P. **Sobre prática pedagógica, planejamento e metodologia de ensino: a articulação necessária**. Disponível em: < <http://www.franca.unesp.br/oep/Eixo%203%20-%20Tema%201.pdf>>. Acesso em: 15.mai.2011.
7. MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
8. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº196, de 10 de outubro de 1996**. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos.Brasília (DF): MS, 1996.
9. BRASIL. **Lei nº 7.498 de 1986** – Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e da outras providencias. Brasília, 1986. Disponível em <<http://www.portalcofen.gov.br/2007/materias.asp?ArticleID=22&sectionID=35>>. Acesso em 28.jun.2009.
10. BOUSSO, R.S. et al. Estágio curricular em enfermagem: transição de identidades. **Revista Esc. Enf. USP**, v.34, n.2, p.218-225, jun, 2000.

11. PINHEIRO, R.; CECCIM, R.B.; MATTOS, R.A. **Ensino – trabalho – cidadania: novas marcas ao ensinar integralidade no SUS**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ: ABRASCO, 2006.